

HISTÓRIAS DE NOSSOS ANCESTRAIS

Andresa de Britto Chaves¹
Arthur Luís Vasconcelos da Costa²

RESUMO

Este artigo acadêmico apresenta o projeto Histórias de Nossos Ancestrais, que visa promover o ensino da história e cultura indígena e afro-brasileira nas escolas da rede municipal de ensino de Petrópolis, cumprindo a Lei nº 11.645/2008. Além de levar informações e repertório pedagógico adequado aos educandos e educadores, o projeto busca sensibilizar os alunos através da contação de histórias e poesias indígenas, proporcionando-lhes o contato com a beleza e o respeito pela natureza presentes nas culturas originárias. O projeto também tem como objetivo trabalhar questões ambientais através de uma didática humanizada e uma pedagogia regenerativa, que valorizam a interdependência entre o homem e a natureza e promovem a consciência ambiental. O artigo destaca a relevância do projeto para a promoção do respeito e valorização da cultura indígena, bem como para o desenvolvimento de uma educação que valorize a interdependência entre o homem e a natureza.

Palavras-chave: Cultura Indígena, Povos Originários, Literatura, Contação de histórias, Natureza.

INTRODUÇÃO

O projeto *Histórias de Nossos Ancestrais* é uma iniciativa que visa promover o ensino da história e cultura indígena nas escolas da rede municipal de ensino de Petrópolis/RJ, cumprindo a Lei nº 11.645/2008. Além de levar informações e repertório pedagógico adequado aos educandos e educadores, o projeto busca sensibilizar os alunos através da contação de histórias e poesias indígenas, proporcionando-lhes o contato com a beleza e o respeito pela natureza presentes nas culturas originárias.

A implementação desse projeto também tem como objetivo trabalhar questões ambientais através de uma didática humanizada e uma pedagogia regenerativa, que valorizam a interdependência entre o homem e a natureza e promovem a consciência ambiental.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo apresentar o projeto *Histórias de Nossos Ancestrais* como uma iniciativa relevante para a promoção do respeito e valorização da cultura

¹ Graduada em Pedagogia – Universidade Católica de Petrópolis.

Pós-Graduada, PGLS em Práticas, Linguagens e Ensino na Educação Básica - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Petrópolis/RJ, andresachaves1976@gmail.com;

² Graduado em História – Universidade Católica de Petrópolis, vasconcelos.arthur7@hotmail.com

indígena, bem como para o desenvolvimento de uma educação que valorize a interdependência entre o homem e a natureza. O referido projeto está sendo implementado em quatro escolas da rede municipal de Petrópolis/RJ desde fevereiro de 2023, nele estão sendo abordados aspectos como a importância do cumprimento da Lei nº 11.645/2008, os benefícios da contação de histórias indígenas nas salas de aula, o resgate da “oralitura”, as histórias e os saberes ancestrais passados não apenas através da literatura, mas também em manifestações performáticas culturais, a relevância da abordagem de questões ambientais na educação e a necessidade de engajamento da comunidade nesse processo.

O projeto está fundamentado em teorias educacionais e antropológicas que destacam a relevância do respeito e valorização da cultura indígena e afro-brasileira e do desenvolvimento de uma educação ambiental

Nesse sentido, Paulo Freire, um dos principais teóricos da educação brasileira, defende que a educação deve ser libertadora e crítica, valorizando as diferentes culturas presentes na sociedade e promovendo a conscientização dos alunos sobre a realidade social e ambiental em que vivem (FREIRE, 1967). Aníbal Quijano (1997, p. 135), Walter Mignolo (2008, p.287) e Boaventura de Sousa Santos (2021, p.162) têm discutido a necessidade de uma descolonização do conhecimento e do pensamento crítico, que valorize e incorpore saberes e epistemologias plurais, provenientes de diferentes culturas e tradições. Assim, ao promover o ensino da cultura indígena e a conscientização ambiental, através da literatura, o projeto *Histórias de Nossos Ancestrais* baseia-se em uma perspectiva decolonial, que reconhece a importância de valorizar e respeitar as culturas originárias indígenas, historicamente invisibilizadas e subalternizadas na sociedade brasileira.

Já em relação à educação ambiental, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) destaca a necessidade de uma educação que promova a conscientização e a participação ativa dos alunos na construção de um mundo mais justo e sustentável. A educação ambiental crítica, como defendida pela UNESCO (2018), busca promover a reflexão sobre as relações entre o homem e a natureza e incentivar ações transformadoras. Bem como, Ailton Krenak importante líder indígena brasileiro, que tem se destacado pela sua atuação na defesa dos direitos dos povos originários e pela sua crítica ao modelo de desenvolvimento que tem gerado a destruição do meio ambiente e a subalternização das culturas indígenas.

Para Krenak, a valorização das culturas originárias é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável, uma vez que essas culturas possuem uma relação diferenciada com a natureza, baseada no respeito e na interdependência. Segundo ele, “Em diferentes lugares, tem gente lutando para este planeta ter uma chance.”(KRENAK, 2020, p.21). E, dentro da escola, seja nas salas de aula, ou nos espaços de convivência, existem muitas dessas pessoas, desejando um mundo melhor, com menos violência, menos dor e mais vínculo com nossa ancestralidade.

METODOLOGIA

No ano de 2022 o referido projeto foi criado pela Gerência de Projetos Educacionais da Secretaria de Educação de Petrópolis, para implementação em 2023, de modo piloto, em quatro Unidades Escolares Municipais. O mesmo foi divulgado por e-mail para toda a rede municipal e as inscrições foram por adesão. Esse formato, integra o que chamamos de *Projetos-Ação*. Os *projetos-ação* são atividades que, encaminhadas para as Unidades Escolares, têm como objetivo desenvolver a experimentação, a produção de conhecimento e gerar impactos educacionais a partir de vivências com diferentes linguagens, tais como: arte – literatura - esporte –território - dança – música – tecnologia. O projeto *Histórias de Nossos Ancestrais* é uma dessas iniciativas e conta com a execução em campo de dois colaboradores remunerados.³

A aproximação com a cultura indígena possibilita o resgate de contato com ritos e práticas cotidianas que viabilizam aspectos úteis para nossa vida não indígena, reconhecer tal fator e tal mecanismo é caráter primordial para que semanalmente, sejam apresentadas histórias literárias indígenas (escritas preferencialmente, por autores indígenas). Tais obras são indicadas pela Gerência de Projetos que, realiza a curadoria dos livros previamente. Após a leitura e o debate com os alunos, identificando a etnia do autor, as ilustrações e suas características, os educandos são convidados a assistir um vídeo ou entrevista, para aprofundar seus conhecimentos, ou explorar uma notícia de jornal, revista e/ou publicações diversas, sobre as temáticas presentes.

³ Esses colaboradores não são concursados da rede municipal, são remunerados através do MEI (micro empreendedores individuais), com recursos do PGDREM (Programa de Gestão Descentralizada de Recursos da Educação Municipal). Eles ministram as atividades em sala de aula, com os alunos, com carga horária de 20 horas mensais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descreveremos a seguir algumas atividades realizadas em turmas de quarto e quinto ano do Ensino Fundamental: A leitura do livro "A pescaria do curumim e outros poemas indígenas" (HAKIY, 2015). Dessa publicação, foram escolhidos dois textos, o poema que nomeia a obra e, o poema a "A Cobra Grande". A principal conclusão da primeira atividade foi a necessidade do meio urbano de enxergar o meio ambiente, não como algo agregador a sua presença, nem tão pouco como local para livre utilização, mas sim como extensão de nós mesmos enquanto sociedade. "O Rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas." (KRENAK, 2020, p.40) Construimos com os alunos peixes e Vitória-Régias e, dentro de cada peixinho e de cada vitória régia, os alunos colocaram seu nome e algumas mensagens, e toda a produção foi publicada no mural da escola, com o título: "Rio do meu peito que aprendi a amar" (HAKIY, 2015, p.20) frase, retirada do livro. E assim conversamos com as crianças sobre a importância de "ouvir os rios falando" (KRENAK, 2020, p. 36).

No encontro seguinte, tivemos a presença virtual, do professor Natanael Vilharva Cáceres⁴, da etnia Ava Guarani. Após a apresentação do convidado os alunos puderam tirar dúvidas, sobre o mundo indígena atual, assuntos como: Meio de transporte, alimentação, religião, organização social, e muitos outros assuntos, demonstrando a curiosidade infantil e a alegria em ouvir e serem ouvidos. A partir desse encontro, decidimos em conjunto com os alunos, trabalhar com duas brincadeiras indígenas:, o "Gavião e Passarinho" e o " Tucunaré", ambas citadas e explicadas pelo professor Natanael. As brincadeiras além de ativarem a coordenação motora e a interação entre pares, aproxima o aluno da realidade infantil, indígena.

Os alunos confeccionaram de maneira artesanal petecas e brincaram com elas, Segundo parte considerável dos registros do passado, mesmo antes da chegada dos portugueses no Brasil, os nativos já jogavam peteca como forma de recreação, paralelamente, aos seus cantos, suas danças e suas alegrias. Como brincadeira e ao mesmo tempo um tipo de esporte, esteve presente na participação do crescimento do aspecto lúdico de nossa sociedade, portanto item cultural de extrema importância no processo de alteridade, caráter crucial para o projeto.

⁴ Possui graduação em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal da Grande Dourados, habilitação: Ciências da Natureza (2011). Formado no curso Normal em Nível Médio Formação de professores Indígenas Guarani/ Kaiowá.

Na semana seguinte, foi realizado um encontro por vídeo chamada com a Marta Castro, Marta é Saterê, guerreira Mawé, e educadora, atualmente vive em Manaus e pôde compartilhar um pouco de sua trajetória e seus hábitos da vida indígena à respeito do tema: “Os sentidos da escola e a infância Indígena”. O aspecto mais interessante desse contato, foi a possibilidade da curiosidade em ação. As crianças fizeram muitas perguntas para Marta e, puderam entender que a vida indígena não é baseada em costumes tribais e pouco desenvolvidos, perceberam como foi interessante transportar a infância para outra cultura e apontar semelhanças entre esses mundos distantes geograficamente, mas tão próximos quando analisados culturalmente. A beleza da descoberta estava impressa no olhar dos alunos.

Sequencialmente, analisamos algumas características que diferenciam as etnias brasileiras, como tatuagens e grafismos. Os alunos puderam observar como um mesmo animal, recebe grafismos diferentes em cada etnia analisada. Conversamos sobre, a possibilidade de enxergamos o mundo com diferentes olhares, como se mudássemos os óculos, e também reconhecer a importância de preservar os tesouros culturais próprias dos povos originários. Ao fim da aula os alunos reproduziram em tiras de papel, os grafismos que mais se identificaram.

Fabricamos, na aula seguinte, três tintas com elementos da natureza, (já tínhamos conversado, como os indígenas conseguiam “tintas” para pintar seus corpos e seus artesanatos. Exploramos o açafrão, o urucum, e os grãos de café. Com base de cola e água pudemos gerar diversos tons de amarelo, de vermelho e de um "cinza amarronzado", com essas tintas colorimos os desenhos realizados, pelos alunos na semana anterior. Esse momento foi bem interessante, pois as crianças puderam cheirar, tocar e ver sementes que não conheciam antes, vivenciaram uma experiência muito prazerosa nesse contato com elementos naturais. Trabalhamos também a fabricação de objetos com argila e essa atividade ainda está em andamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo depois da Lei 11.465/08, que tornou obrigatório o estudo da história afro-brasileira e indígena na escola, o estudo da cultura e da literatura produzida por autores indígenas ainda caminha a passos lentos no Brasil. Da mesma forma, o conteúdo sobre os povos originários estudado nas escolas sempre foi insuficiente. Afinal, toda terra brasileira é terra indígena, pois os povos originários já estavam aqui muito antes dos Europeus. E hoje, ocupam

apenas 12% do território nacional, ainda temos aproximadamente 305 etnias, falando 274 idiomas, e ainda, desconhecidos pela maioria da Nação.

Estudar sobre a cultura indígena é uma excelente forma de observar a variedade étnica e cultural do brasileiro bem como as tradições ancestrais de cada povo e suas visões sobre o mundo. Os indígenas são nosso último elo de resgate com a natureza. Somente eles podem nos mostrar como regenerar tantos estragos. E por isso precisamos cuidar de quem cuida de nossas florestas. Precisamos levar para as escolas, o máximo de informação possível, libertando nossos ancestrais da prisão do dia 19 de abril. Mostrar, principalmente aos alunos da Educação Básica que os indígenas não fazem parte de um povo único, São Nações, com seus costumes, culturas e tradições.

O relato de nossas atividades vai até o mês marcado pelo dia dos povos indígenas, e conseguimos romper a “data comemorativa”, disfarçada de festa à fantasia no mês de abril, com crianças com o rosto pintado e cocares confeccionados em cartolina e penas estilizadas, com crianças batendo na boca, que durante muito tempo caracterizou o imaginário coletivo sobre o “índio” brasileiro. O projeto vem promovendo, muita conversa e aprendizagem, com os professores, alunos e comunidade escolar, mostrando que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 89), mostrando o valor de nossos ancestrais e combatendo esse estereótipo. Buscando a possibilidade de contrapor imagens e modelos antes consideradas como verdade única., o nosso esforço durante o mês de Abril, foi por evidenciar as pluralidades do mundo indígena através de alguns aspectos: A literatura, a infância, o brincar e o fazer artístico. “Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial.” (KRENAK, 2020 p. 32).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente às amigas e professoras, Adriana Regina de Paula, Adriana de Mendonça Salim, Cecília Pinheiro Ribeiro, que sempre dizem: deem os passos que damos o chão! A minha querida Professora Adriana Constâncio (in memoriam) por ter acreditado sempre em nossas propostas, e a amiga generosa, professora Rosane Karl, sem a qual esse trabalho não teria sido possível.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAKIY, Tiago. A pescaria do curumim e outros poemas indígenas/ ilustrações Taísa Borges. São Paulo: Panda Books, 2015.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Anuario Mariateguiano (Lima: Amauta) Vol. IX, Nº 9, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autentica, 2021.

UNESCO. Jovens e Mudança: competências e estilos de vidas verdes. Unesco, 2018. Disponível em: < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000266224>>. Acesso em: 28 abr.2023.